

ANO 44-1, 2010

FACULDADE DE PSICOLOGIA E DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

revista portuguesa de  
**pedagogia**

## O ensino superior na atualidade e os desafios da aprendizagem: teorizações e prática docente<sup>1</sup>

Denise Maria de Carvalho Lopes<sup>2</sup>, Maria da Piedade Pessoa Vaz-Rebelo<sup>3</sup>  
& Maria Teresa Ribeiro Pessoa<sup>4</sup>

Este trabalho tem por objectivos analisar diferentes contributos teóricos relativos a processos de aprendizagem e estabelecer as articulações entre tais concepções e a prática docente no ensino superior. Tal discussão ganha relevância no contexto das actuais reorganizações das universidades e de suas práticas, cujas contradições põem em relevo a dimensão epistemológica desse nível de ensino. Questiona-se, não apenas o que se aprende, mas para que e, de modo especial, como se aprende, numa perspectiva em que aprender e ensinar são relações indissociáveis. Neste sentido, o texto discute contributos de abordagens interacionistas como a psicogenética de Jean Piaget, a histórico-cultural de L. S. Vygotsky e a flexibilidade cognitiva de Spiro. A partir destas teorizações são analisadas algumas estratégias pedagógicas, nomeadamente o método de casos e as narrativas autobiográficas, como possibilidades de construção compartilhada de significações em contextos de interacção, mediação e complexidade, em que alunos e professores têm condição de se constituírem como sujeitos numa perspectiva de emancipação.

### Introdução

Discutir o ensino superior focalizando a questão da aprendizagem ou apropriação de conhecimentos e as suas implicações para as práticas pedagógicas implica situar, tanto essa preocupação no contexto da universidade, como a própria universidade, enquanto instituição de educação onde se desenvolvem tais processos, as suas finalidades, meios, limites e possibilidades.

Sendo a instância mais desenvolvida/graduada da educação institucionalizada na nossa sociedade, a universidade, existente desde o século XII, bem antes da esco-

---

<sup>1</sup> Este texto integra estudos desenvolvidos no âmbito do Convênio CAPES/GRICES.

<sup>2</sup> Universidade Federal do Rio Grande do Norte/Brasil/ CAPES, denisemcl@terra.com.br.

<sup>3</sup> Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, pvaz@mat.uc.pt.

<sup>4</sup> Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, tpresso@fpce.uc.pt.

larização moderna, apenas na modernidade, ou na “alta modernidade”, assumiu o caráter de “nível superior de escolarização”. As suas origens demarcam, na história da educação, a busca de intencionalidade na transmissão cultural, o que significa, no dizer de Castanho (2001, 33), em projeto educativo e planejamento pedagógico. Nos seus primórdios, segue o “modelo escolástico de pedagogia”, de orientação rigorosa que serviu de base para a pedagogia moderna, em especial a dos jesuítas.

Desse modo, a universidade institui, no processo histórico-educacional, um marco de intencionalidade e sistematicidade nos processos educativos, de aprendizagem. Para Hamilton (apud Castanho, 2001, 30) nesse processo, podemos distinguir uma tríade de períodos: “fase de socialização”, em que a “transmissão cultural” se realizava espontaneamente na convivência dos mais novos no meio social; “fase de educação”, em que os processos relativos à transmissão se especializam, se instrumentalizam e se institucionalizam, *surgindo* as preocupações com a aprendizagem que se constitui, em função das ideias de Santo Agostinho, no núcleo do processo pedagógico. Essa fase, segundo o historiador, supera a fase anterior ao separar o pedagógico – cujo centro era a aprendizagem – das práticas sociais e, ao mesmo tempo, uma especialização dos saberes, práticas e rotinas exigidos e uma institucionalização em espaços definidos a essa finalidade – as academias, a universidade. Por fim, a “fase de escolarização” completa e consolida o processo iniciado com a fase de educação. Essa fase intensifica a separação de processos e lugares de aprendizagem, especializando e institucionalizando o fazer pedagógico em detrimento de outras instâncias da vida social. Decorrendo de transformações nos modos de produção e na estrutura social, a escola, com suas práticas, rotinas e instrumentos torna-se o centro da vida educacional e em conjunto com a escolarização, como face moderna do processo histórico-educacional, emerge o ensino – a instrução – como foco da pedagogia. No dizer de Hamilton (apud Castanho, 2001, 33) deu-se uma “virada instrucional”, com o deslocamento do foco do aprendiz – e do aprender – para o instrutor, o professor. Essa viragem afectou, também, a universidade e os seus processos. É, portanto, na emergência das universidades, enquanto primeiras instituições de transmissão cultural, que têm início as preocupações com a aprendizagem e com a metodologia pedagógica como saberes específicos voltados à intencionalidade da transmissão do conhecimento.

Após a sua transformação, na modernidade, como instituição educacional de nível superior, a universidade assumiu, historicamente, lugar de destaque nas sociedades, bem como diversos modelos de organização dos processos de transmissão do saber, definidos no âmbito das relações entre educação, sociedade, economia, política e cultura, destaque que tem se intensificado nos últimos tempos.